

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16732 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

FORTALEZA: SABERES DO VENTO ENTRELAÇANDO EDUCAÇÃO E VIVÊNCIAS
Antonio Jorge Ferreira Severino - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

FORTALEZA: SABERES DO VENTO ENTRELAÇANDO EDUCAÇÃO E VIVÊNCIAS

RESUMO: O presente trabalho compartilha uma história inspirada pelo vento, elemento essencial na vida dos fortalezenses. O autor descreve através de uma carta como a ideia surgiu durante um passeio à beira-mar em um dia de São Pedro, enquanto observava as jangadas contra o pôr do sol. Aborda como o vento influencia a pesca tradicional, molda a arquitetura urbana e promove atividades recreativas, como a confecção de pipas. A verticalização e o adensamento populacional, impulsionados pelo mercado imobiliário, criam desafios como "ilhas de calor". A carta também destaca a importância da troca de saberes entre gerações, usando o vento como metáfora para a educação viva e dinâmica, propondo a valorização dos conhecimentos locais e tradicionais na formação docente e nos processos educativos formais e informais, promovendo uma conexão profunda e autêntica com a cidade e sua cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Vento. EJA.

Antes de tudo começar...

Fortaleza, 29 de junho de 2024.

Queridas/os amigas/os,

Escrevo-lhes para compartilhar com vocês uma história que nasceu do vento, um elemento tão presente na vida dos fortalezenses. A inspiração surgiu em um dia de São Pedro, enquanto passeava com a família na Beira Mar, observando as jangadas se destacarem contra o pôr do sol deslumbrante. Uma leve brisa acariciou nossos rostos, e nesse momento mágico, a ideia tomou forma: analisar a profunda relação entre o vento e a vida na cidade.

Naquele fim de junho, o semestre letivo da pós-graduação se aproximava do fim e eu me preparava para retornar de Curitiba para Fortaleza. Foi nesse contexto que recebi o desafio de produzir um trabalho para o Grupo de Estudo (GE) "Cotidianos – éticas, estéticas e políticas". A proposta me motivou instantaneamente, pois dialogava diretamente com minha prática docente na Educação de Jovens e Adultos e com meu objeto de pesquisa na pós-graduação, a cidade.

Optei por escrever este trabalho em formato de carta, buscando trazer para o texto as marcas e sensações que vivenciei durante todo o processo de viver Fortaleza. Acredito que essa forma de escrita facilita o diálogo com o leitor, estabelecendo uma conexão mais profunda e autêntica. Abordo ainda questões do cotidiano na cidade, explorando as pequenas rotinas que compõem a vida das pessoas. Mais do que simples ações repetitivas, essas práticas carregam consigo significados profundos que moldam nossa identidade e a nossa forma de interagir com o mundo.

Assim como Freire utilizava o formato de cartas em suas obras, posso citar algumas como *Cartas à Guiné-Bissau* (FREIRE, 1977), *Cartas a Cristina* (FREIRE, 1994), *Professora Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (FREIRE, 1997) e *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos* (FREIRE, 2000), acredito que essa forma de escrita me permite apresentar minhas reflexões de maneira mais pessoal e engajadora.

Embora esta carta chegue até vocês em diferentes formatos, seja em papel ou na tela, a mensagem é única: instigar reflexões e debates nos diversos espaços. Espero que estas palavras sirvam como um ponto de partida para reflexões profundas e diálogos transformadores.

Mas voltando ao dia de São Pedro, naquele dia mágico, a inspiração soprou em meu rosto: o vento! Ao mesmo tempo, observava no local a interação entre as pessoas que trabalhavam, outras praticavam exercícios físicos, sorriam, cantavam ou simplesmente silenciavam ao contemplar a paisagem. Esse ato me faz lembrar que todos somos seres corporificados e as nossas experiências devem prescindir da escuta do nosso corpo e das nossas emoções como afirma Paulo Freire (1995). "É o meu corpo inteiro que, socialmente conhece. Não posso em nome da exatidão e do rigor, negar meu corpo, minhas emoções, meus sentimentos" (FREIRE, 1995, p. 109). É por essa corporeidade que passa a produção do conhecimento que sopra na cidade.

Fortaleza é uma cidade onde a força do vento se entrelaça com as vivências da população, tecendo um rico mosaico de saberes que vai do simples deslocamento da jangada ao mar, na arquitetura da cidade ou na produção de artefatos culturais. É essa interação profunda que pretendo abordar neste trabalho, buscando compreender como os saberes do vento se manifestam na educação e na vida cotidiana dos fortalezenses.

Soprando vida, resistência e sabedoria na cidade

Em sua análise sobre o cotidiano, Michel de Certeau o define como "aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em participação compartilhada)" (CERTEAU, 2012, p. 31). Isso sugere que o cotidiano é inescapável, uma realidade sempre presente que molda nossas experiências humanas. O filósofo e historiador acrescenta ainda que ele "nos pressiona dia após dia, nos oprime" (CERTEAU, 2012, p. 31). No entanto, essa opressão internalizada pode se manifestar de várias maneiras, moldando nossos pensamentos, emoções e percepções.

Em outras palavras, a cidade de Fortaleza apresenta uma conexão profunda entre a natureza, representada pelo vento, e o cotidiano urbano. A presença do vento é inegável, moldando o clima da cidade, influenciando atividades e ditando o ritmo de vida. Nos meses de julho a setembro, a cidade recebe os ventos alísios vindos do litoral. Ao mesmo tempo, a região de entrada dos ventos, o sudeste da cidade enfrenta um acelerado processo de verticalização e adensamento populacional, impulsionado pelo mercado imobiliário.

As construções bloqueiam a passagem do vento, criando "ilhas de calor" que alteram a ventilação natural e o clima urbano de forma significativa no interior da cidade. Grupos econômicos se apropriam não apenas do vento da cidade, mas também da riqueza que ele pode gerar. Exemplo disso, é que o cearense mais rico do Estado em 2023, é um empresário do ramo de energia renováveis, que controla um em cada três projetos de energia eólica em operação no Brasil. A fortuna acumulada era de 13,9 bilhões de reais. Para ter dimensão do que esse patrimônio representa, a Prefeitura de Fortaleza, quarta maior capital do Brasil e maior orçamento público entre as capitais do norte/nordeste, em 2023 teve um orçamento de 10,7 bilhões de reais.

Para a força de trabalho, o vento é um aliado. As práticas tradicionais, como a pesca, são profundamente influenciadas pelo vento, exigindo conhecimentos específicos para serem dominadas. Os jangadeiros e os pescadores detêm um profundo conhecimento sobre o vento e seus padrões, utilizando-o para guiar suas atividades e garantir sua sobrevivência.

A técnica e o manejo da vela em alto mar pelo jangadeiro não são apenas habilidades físicas. Elas representam a sabedoria acumulada ao longo de gerações, transmitida de pai para filho, preservando a cultura e a tradição da pesca artesanal. Cada movimento, cada decisão, cada ajuste da vela carrega consigo a história, a experiência e o conhecimento de um povo que vive em harmonia com o mar.

Lembro-me, quando criança, com carinho das férias escolares de julho, quando a cidade se enchia de cores com o céu tomado pelas raias, também conhecidas como pipas ou papagaios em outras regiões do Brasil. Essa tradição ancestral, passada de geração em geração, vai além da brincadeira, pois seguia um ritual iniciada com a coleta de folhas do coqueiro até a técnica de nós "no rabo da raia". Em geral, esses saberes são exercitados fora dos bancos escolares.

Essa prática, mais comum nos bairros periféricos, foge da lógica comercial e mercadológica e também altera a paisagem da cidade. É comum encontrarmos raias entrelaçadas em árvores, postes e fios de energias em que nem os mais corajosos ousaram (ou não tiveram permissão) para resgatá-las! As raias, para além da brincadeira e do vocabulário específico, carregam um simbolismo importante para as crianças e jovens fortalezenses. Elas representam a liberdade, a superação dos desafios e a capacidade de se elevar acima das dificuldades. A raia que voa alto é um símbolo de esperança, superação e otimismo.

O vento também é valorizado entre os usuários do sistema de transporte público. Lembro que, recentemente, era disputado o assento ao lado da janela do ônibus; quem era usuário do sistema na cidade sabe do que estou falando. Sabe também o quanto era

conflituoso o ato de fechar a janela para impedir a entrada da ventilação natural. Em minha mente, estão guardadas ocasiões de conflito entre passageiros devido a esse ato nada solidário, que rompia com o 'pacto informal'. Atualmente, 70% da frota da cidade já circula com ar condicionado.

A força do vento também moldou e influenciou a arquitetura e a ocupação da cidade. Casas e edifícios em Fortaleza são projetados para resistir aos ventos fortes, com telhados inclinados, paredes reforçadas e, sempre que possível, varandas reforçadas para armar redes. Ao mesmo tempo, a arquitetura também busca maximizar a ventilação natural, permitindo que o vento circule livremente e mantenha os ambientes frescos. Essa configuração é valorizada, assim como a localização do imóvel.

Diversas regiões da cidade vêm passando por um processo acelerado de gentrificação. Grupos econômicos de poder têm transformado áreas historicamente populares e de baixa renda em espaços mais sofisticados e valorizados, conforme podemos acompanhar nas manchetes dos jornais: “Fortaleza tem 3 bairros entre os 10 mais caros do Nordeste” (DIÁRIO DO NORDESTE, 08/05/2024), “Áreas nobres de Fortaleza têm preços do metro quadrado acima de R\$ 16 mil; veja bairros mais caros” (DIÁRIO DO NORDESTE, 05/05/2024).

Nessa dinâmica, o vento, elemento fundamental da cidade, torna-se um bem a ser disputado e apropriado. Ao ocuparem espaços cada vez mais gentrificados, esses grupos não apenas adquirem imóveis, mas também se apropriam do vento, um recurso natural que antes era compartilhado por todos os moradores.

A verticalização desenfreada, característica marcante da gentrificação, agrava o problema da ventilação na cidade, gerando sombras e modificando os padrões de circulação do ar. Essa apropriação individual do vento, antes coletivo, representa uma ruptura com a memória e o cotidiano dos moradores históricos, que viam nesse elemento natural um componente fundamental de suas vidas e de suas relações com a cidade.

Os bairros mais caros da cidade, hoje não têm mais a comunidade pesqueira entre seus residentes. Estes, encontram-se morando distante do mar. Romperam-se os laços sociais e culturais construídos ao longo de gerações, contribuindo para a desestruturação das comunidades, a perda da identidade e da memória do bairro.

Tecendo pontes como ponto de partida

O vento, em sua constante dança com a cidade, nos convida a construir pontes entre diferentes gerações. É na troca de saberes, na partilha de histórias e na escuta atenta que se erguem os pilares de uma comunidade mais forte e coesa. As rodas de conversa, e oficinas se transformam em espaços de aprendizado mútuo, onde jovens e adultos se reconhecem como mestres e educandas/os ao mesmo tempo.

Nas rodas de conversa, os jangadeiros, guardiões da sabedoria ancestral do mar, narram suas experiências com o vento, transmitindo aos jovens os segredos da navegação, da

pesca e da leitura dos sinais da natureza. As crianças, por sua vez, com sua criatividade e energia, inspiram os adultos a verem o mundo com novos olhos, a redescobrirem a magia das brincadeiras com as raias, a importância de sonhar e ousar.

A EJA transcende as paredes da sala de aula e se transforma em um laboratório vivo, assim como a cidade, onde o aprendizado se dá através do *fazeressentiressaberes*. As/os educandas/os não se limitam a acumular conhecimentos teóricos, mas se engajam na transformação da realidade, utilizando o vento como força motriz para a transformação.

Ao valorizarmos os conhecimentos prévios das/os educandas/os, incentivamos sua participação ativa no processo de aprendizagem. As histórias dos pescadores, as técnicas tradicionais de construção de casas e a sabedoria popular sobre os ciclos da natureza se transformam em ferramentas para o aprendizado. Através delas, as/os educandas/os desenvolvem habilidades essenciais para a vida, como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a capacidade de trabalho coletivo. Ainda nesse sentido, Nilda Alves (2013) destaca a importância da incorporação de redes de conhecimento extra-escolares no processo de ensino

a incorporação dessas redes do que se aprende fora da escola e que é trazido para escola como experiências vividas externamente, que passam a ser vividas internamente é que movimenta o ensino, renova o ensino. Porque o ensino não é renovado por decreto, ele é efetivamente renovado no concreto dele, no cotidiano dele, na compreensão daquele conjunto de professores de uma determinada escola, com o acesso que eles começam a ter às múltiplas redes educativas e, dessa forma, começam a fazer transformações. (...) Então são essas tais redes das quais nós participamos e que não estão fora da escola, elas estão dentro da escola, porque vão dentro das pessoas que vão à escola fazer a escola (ALVES, 2012, p. 12).

Para que a valorização dos saberes locais e tradicionais sobre o vento se torne uma realidade concreta, é fundamental investir na formação diferenciada. *Praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) precisam estar abertos ao diálogo com a comunidade, reconhecer a importância da cultura local e se sentir preparados para incorporar esses *fazeressentiressaberes* em suas práticas pedagógicas.

Para que venha novos ventos

Nesta carta, compartilhei com vocês minhas reflexões sobre a profunda relação entre o cotidiano de Fortaleza e o vento. Espero que este texto tenha inspirado vocês a conhecerem melhor essa cidade encantadora e a reconhecerem a importância do vento como elemento que se manifesta na educação e na vida cotidiana da cidade.

Abraços,

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Políticas e cotidianos em redes educativas e em escolas**. XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino –ENDIPE/UNICAMP – Campinas, 2012.

CERTEAU, Michael de. **A cultura no plural**. 7ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

DIÁRIO DO NORDESTE. Fortaleza tem 3 bairros entre os 10 mais caros do Nordeste. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 08 mai 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/fortaleza-tem-3-bairros-entre-os-10-mais-caros-do-nordeste-veja-ranking-1.3509417> Acesso em 08 de julho de 2024.

DIÁRIO DO NORDESTE. Áreas nobres de Fortaleza têm preços do metro quadrado acima de R\$ 16 mil; veja bairros mais caros. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 05 mai 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/areas-nobres-de-fortaleza-tem-precos-do-metro-quadrado-acima-de-r-16-mil-veja-bairros-mais-caros-1.3508232> Acesso em 08 de julho de 2024.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977. 160 p.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Editora Cortez, 1994. 120 p.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Cortez, 1997. 160 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. 232 p.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. 1ed. Petrópolis: DP et Alli, 2012, p. 47-70.